

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS – DALEM
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS

LIS HELENE SKRZYPIEC ANDRADE

**QUESTÕES DE IDENTIDADE NO APRENDIZADO DE PORTUGUÊS
PARA HISPANÓFONOS**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

CURITIBA

2016

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS – DALEM
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS

LIS HELENE SKRZYPIEC ANDRADE

**QUESTÕES DE IDENTIDADE NO APRENDIZADO DE PORTUGUÊS
PARA HISPANÓFONOS**

Monografia apresentada como requisito parcial à
obtenção do título de Especialista em Ensino de
Línguas Estrangeira Modernas do Departamento
Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas da
Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientadora: Prof. ^a M.^a Fernanda Deah Chichorro
Baldin.

CURITIBA

2016

FOLHA DE APROVAÇÃO

ALUNO (A): Lis Helene Skrzypiec Andrade

CURSO: ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS (*Lato Sensu*)

TÍTULO DA MONOGRAFIA: Questões de Identidade no Aprendizado de Português para Hispanófonos.

DATA DA DEFESA: 26 de setembro de 2016.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a Fernanda Deah Chichorro Baldin (Prof^a Orientadora)

Prof^a Maristela Pugsley Werner

Prof^a Jeniffer Imaregna Alcantara de Albuquerque.

Curitiba, 26 de setembro de 2016.

Obs: A folha de aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Programa.

RESUMO

SKRZYPIEC, Lis Helene. Questões de identidade no aprendizado de português para hispanófonos. 2016. 36p. Monografia (Especialização em ensino de línguas estrangeiras modernas). Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, Paraná, 2016.

A aprendizagem de uma língua estrangeira não é necessariamente um caminho fácil e plano, pois aprender uma língua estrangeira é também tornar-se um pouco um outro a partir da tomada da palavra do outro, que faz refletir sobre a própria identidade do sujeito cindido, que não é único ou uno. Para verificar a premissa acima, a proposta dessa pesquisa é a de analisar depoimentos de alunos hispano-americanos de português como língua adicional em contexto de imersão, verificando, a partir do modo como eles veem a nova língua e seu aprendizado, os modos de constituição ou reconstituição de sua identidade.

Palavras-chave: Português como língua adicional, identidade, discurso.

RESUMEN

SKRZYPIEC, Lis Helene. Cuestiones de identidad en el aprendizaje de portugués para hispanohablantes. 2016. 36p. Monografía (Especialización en la enseñanza de lenguas extranjeras modernas) – Universidad Tecnológica Federal – Curitiba, Paraná, 2016.

El aprendizaje de una lengua extranjera no es necesariamente un camino fácil y llano, ya que aprender una lengua extranjera también es tornarse algo de otro, a partir de la tomada de uso de la palabra, lo que hace reflexionar acerca de su propia identidad como sujeto escindido, que no es único o uno. Para verificar la premisa arriba, la propuesta de esa investigación es la de analizar deposiciones de alumnos hispanoamericanos de portugués como lengua adicional en contexto de inmersión verificando, empezando por el modo como ellos ven a la nueva lengua y su aprendizaje, los modos de constitución o reconstitución de su identidad.

Palabras-clave: Portugués como lengua adicional, identidad, discurso.

SUMÁRIO

0 INTRODUÇÃO	6
1 ALGUMAS QUESTÕES TEÓRICAS	8
1.1 ALGO SOBRE A HISTÓRIA DA ANÁLISE DO DISCURSO	8
1.2 O OBJETO DE INVESTIGAÇÃO – O DISCURSO	10
1.3 A RELAÇÃO ENTRE A ANÁLISE DO DISCURSO E A LINGUÍSTICA	11
1.4. A ANÁLISE DO DISCURSO E O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA	12
2. SUJEITO E IDENTIDADE NA APRENDIZAGEM DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ADICIONAL	15
2.1. OS CONCEITOS DE SUJEITO E IDENTIDADE	15
2.2. A LÍNGUA E A IDENTIDADE BRASILEIRA PARA HISPANÓFONOS	17
3. COMO OS ALUNOS HISPANÓFONOS ENXERGAM A APRENDIZAGEM DE PORTUGUÊS?	19
3.1. METODOLOGIA	20
3.1.1. Os sujeitos da pesquisa	20
3.1.2. Perguntas da pesquisa	21
3.2. ANÁLISE DOS DADOS	22
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	27
ANEXOS	30

0. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo principal fazer uma análise de depoimentos de estudantes de português como língua adicional, especificamente alunos hispano-americanos, a fim de verificar de que maneira a aprendizagem da língua estrangeira como L2, ou seja, em contexto de imersão, pode influenciar os modos de constituição da identidade do sujeito.

Tem-se como premissa que não apenas o português e o espanhol são línguas irmãs, dada a sua mesma origem latina, mas também o Brasil e os demais países da América do Sul e Central guardam semelhanças históricas e culturais, que acarretam certas questões de maior complexidade na sua relação. Pode-se citar como exemplos, desde o mesmo histórico de países colonizados até os acordos políticos ou culturais, como a OEA (Organização dos Estados Americanos), AUGM (Asociación de Universidades Grupo Montevideo) e o MERCOSUL (Mercado Comum do Sul).

Porém, o fato de o Brasil ser o único país nesse contexto a ter uma língua diferente como língua oficial o distancia dos demais. Por mais que essa proximidade traga também certa transparência na comunicação, implica certas questões dificultantes no aprendizado. Pensando em produtos culturais, por exemplo, a música em língua espanhola circula mais livremente entre os países dessa língua, mas não chega tanto ao Brasil e vice-versa.

Assim, no que tange à aprendizagem de português para falantes de espanhol, a proximidade e a semelhança linguísticas mostram-se tanto como fatores que facilitam, quanto fatores que dificultam a aprendizagem, sendo essa uma das grandes preocupações dos aprendizes e dos professores, diferentemente do que se encontra no senso comum, de que o parentesco entre as duas línguas é justamente um ponto que descartaria a necessidade do seu estudo.

Assim, inscrevendo-se em uma questão mais complexa do que poderia parecer à primeira vista, esta pesquisa procura identificar o modo como esses estudantes veem a aprendizagem de português para então refletir sobre as mudanças, deslocamentos, choques, ressignificações que podem ter sua identidade, ou identidades, durante o processo. Para tal fim, foram entrevistados dois

grupos de alunos, um de nível básico e outro de nível intermediário, em um total de 12 estudantes, sendo perguntadas a eles questões a respeito da importância da aprendizagem da língua e como eles veem a língua portuguesa.

A relevância dessa pesquisa é explicada pela crescente procura pelo aprendizado de português, por pessoas de diversos países, mas principalmente por hispanófonos, cujo processo de ensino e aprendizagem necessita tanto de metodologia como de questões teóricas específicas. De uma maneira geral, essa área de pesquisa ainda carece de respostas a muitas questões, justificando assim a reflexão aqui proposta.

Porém, para chegar a tal objetivo, este trabalho propõe um caminho que se divide em duas partes: uma geral - introdutória - e uma específica. Na primeira parte, um breve percurso histórico de como a área da Análise do Discurso, principalmente a Análise do Discurso de linha francesa se constituiu, sendo essa a origem do arcabouço teórico utilizado para a análise posterior. Também são apresentados alguns conceitos teóricos gerais importantes para a área em questão, a fim de esclarecer sua base. Na sequência, considerando que tratamos sobre a Análise do Discurso, convém explicitar o que é esse discurso a ser analisado e como ele é visto e tratado.

Ponderando que a Análise do Discurso, por constituição é uma ciência híbrida, junção de diferentes áreas do conhecimento, neste trabalho é proposta uma breve reflexão sobre a relação entre a Análise do Discurso e a linguística, e mais especificamente, a relação com o ensino de línguas estrangeiras. Para chegar então à análise pretendida, são explicitados, mais detalhadamente, os conceitos de identidade e sujeito.

Para finalizar o caminho proposto, seguem algumas reflexões sobre o ensino/aprendizagem de português como língua adicional, principalmente para hispanófonos, refletindo sobre o que esse aprendizado significa para esses estudantes, a partir da análise das entrevistas realizadas.

1. ALGUMAS QUESTÕES TEÓRICAS

1.1. ALGO SOBRE A HISTÓRIA DA ANÁLISE DO DISCURSO

O caminho a ser realizado por essa pesquisa começa juntamente com os primórdios da área em questão, percorrendo alguns pontos históricos importantes. Assim, pode-se dizer que a Análise do Discurso começou na França em fins dos anos 60. Essa era uma época em que, no cenário político, os movimentos estudantis e de trabalhadores de esquerda exigiam maior participação política e democratização do país.

Desde sua fundação, a Análise do Discurso (doravante AD) constituiu-se como uma área híbrida, envolvendo diferentes áreas do conhecimento, como “os saberes do campo da ciência da linguagem, da sociologia, da psicologia social, do materialismo, da história e da psicanálise” (ZANDWAIS, 2013, s/p) a fim de criar um diálogo entre essas áreas e articular a linguagem e a sociedade. Mais do que isso,

a pluridisciplinaridade constitui propriamente uma questão para a AD, desde sua constituição. Ela privilegia duas alianças, com a sociologia e com a história. E descarta um domínio, a psicologia – ou mais especificamente, o ‘psicologismo’. Posteriormente, se encontra, porque trabalha a partir de corpora, com a linguística computacional e rejeita o cognitivismo (MAZIÈRE, 2007 p. 74).

Pensando em questões científicas dentro desse período histórico, política e linguística estavam até então totalmente desvinculadas, pois a pesquisa estava também dissociada da sociedade. A ciência preconizava uma neutralidade aparente e era vigente uma visão positivista e estruturalista da linguagem. Nesse panorama, a análise linguística ficava apenas no nível da frase, sem considerar seu entorno (MAZIÈRE, 2007) e quando pensava em acessar um texto, buscava fazer sua análise apenas dentro do próprio texto, tentando identificar seu sentido, excluindo, porém, todo o demais, inclusive porque era muito comum e muito forte na França até a década de 60, a tradição da interpretação de texto, em termos de buscar o significado pretendido pelo autor. Para Maingueneau (1987, apud BRANDÃO, 2004), a AD se inscreve em uma tradição que une texto e história e a uma prática escolar de ‘explicação do texto’. – Assim, a AD tenta, a partir de então,

unir a linguagem ao que acontecia em seu exterior, analisando o discurso como uma interdiscursividade. Sobre as questões histórica e científica, pode-se dizer que

merece atenção o fato de que a análise de discurso se constitui na conjuntura intelectual do estruturalismo do final dos anos 60, em que a grande questão é a relação da estrutura com a história, do indivíduo com o sujeito, da língua com a fala, assim como se interroga a interpretação. Tomo em conta que a passagem que se faz é justamente a passagem que coloca em questão as noções de sujeito, de indivíduo, de língua, de fala, de história e de interpretação, então vigentes, assim como se procura ultrapassar as dicotomias estabelecidas e pôr em questão a suposta transparência do sentido. Para isto a análise de discurso reúne, deslocando, língua-sujeito-história, construindo um objeto próprio, o discurso, e um campo teórico específico (ORLANDI, 2003, p. 6).

Tenta-se então, deixar para trás e ir além da forte influência de Saussure (2006) e sua dicotomia língua e fala, em que a fala foi deixada de lado na pesquisa linguística, que se concentrou apenas na língua, por ser essa passível de ser estudada e pertinente para a análise linguística da época (BRANDÃO, 2004). A fala na AD vai além da manifestação social, pois é vista como algo realizado através de enunciados concretos.

Foram desenvolvidas duas distintas correntes na AD, a francesa e a americana. Atualmente na AD francesa existe certa renovação dentro de diferentes universidades em diferentes países. Assim, passou de uma ciência que tentava justificar seus limites e a transgressão deles, para uma ciência de limites sem busca por tanta precisão. A influência atual da AD francesa se justifica na especificidade de sua criação, pois

ela nasceu, em uma conjuntura política precisa, da integração das contribuições filosóficas e linguísticas francesas dos anos 1960, antes de se virar para a gramática gerativa, o dialogismo, a comunicação; e se constituiu em torno da questão da linguagem, depois da língua e da história. Ela mantém até hoje seu embasamento no seio das ciências da linguagem, o que é excepcional. Por constituir uma matriz de invenções, hipóteses e de experimentações no interior da linguística, ela continua a incomodar a disciplina como um todo ao oferecer resistência a determinadas indiferenças à língua que se desenvolvem hoje nas ciências humanas e sociais (MAZIERE, 2007, p. 116).

Um dos conceitos centrais da AD é o de ideologia. Pêcheux, “centraliza a sua discussão a respeito da ideologia no vínculo existente entre a constituição do sentido e a constituição do sujeito, na figura da interpelação: fala-se do sujeito, e fala-se ao sujeito, antes que ele possa dizer: ‘eu falo’” (BOLOGNINI, 2003, p. 188).

Assim, o conceito de ideologia leva à questão da formação ideológica, que implica o modo de organização da sociedade, as relações de produção, as relações sociais, etc. e é constituída por

diferentes formações discursivas. Para Pêcheux (2011), formação ideológica é cada conjunto heterogêneo de representações sociais, crenças, pensamentos, formada por uma ou mais formações discursivas interligadas e formações discursivas, por sua vez, são conjuntos do enunciável, que regulam o que pode ou não ser dito a partir de certa posição. Uma formação discursiva abarca a historicidade, diferentemente do conceito de contexto. Pêcheux usa o conceito “condições de produção” para falar sobre as fronteiras das formações discursivas que não são fechadas nem totalmente determinadas. Por fim, a materialização da ideologia se dá através dos enunciados.

Portanto, a partir do panorama aqui exposto, apresentando algumas questões relevantes sobre o percurso histórico da AD e seus conceitos fundamentais, podemos focalizar a sequência desta monografia justamente em examinar o que é o discurso a ser analisado dentro da AD. Na sequência, uma breve reflexão sobre a relação entre a AD e a linguística e, dentro da linguística aplicada, a relação da AD com o ensino de línguas estrangeiras.

1.2.O OBJETO DE INVESTIGAÇÃO – O DISCURSO

Se pensarmos em Análise do Discurso, parece pertinente aprofundar a reflexão sobre o que é o discurso a ser analisado. É a partir dos escritos de Foucault que Pêcheux retira os conceitos de discurso, “um conjunto de enunciados que tem seus princípios de regularidade em uma formação discursiva” (FOUCAULT, 1969, p. 146 apud BRANDÃO, 2004, p. 33) e formação discursiva, que são regras sobre a formação e regularidade dos discursos. Para Foucault, o sujeito não é fundador do discurso ou da linguagem, é uma categoria vazia, dispersa que faz uso dos enunciados.

O discurso está situado fora da dicotomia saussuriana língua e fala, ele é ideologicamente marcado (BRANDÃO, 2004), possibilitando operar entre os níveis linguístico e extralinguístico, pois um texto não é formado apenas de sua tessitura textual, as condições de produção históricas também são constitutivas dele. A forma discursiva é constituída a partir da forma material dentro

de um processo histórico e a AD analisa os efeitos de sentido de um discurso dentro de um determinado lugar histórico, pois para analisar um discurso, é “necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção” (PÊCHEUX, 1997, p. 79), e não apenas como um texto, como uma sequência linguística.

Para a Análise do Discurso, o discurso é uma prática, uma ação do sujeito sobre o mundo. Por isso, sua aparição deve ser contextualizada como um acontecimento, pois funda uma interpretação e constrói uma vontade de verdade. Quando pronunciamos um discurso agimos sobre o mundo, marcamos uma posição - ora selecionando sentidos, ora excluindo-os no processo interlocutório. (CARNEIRO, s/d, s/p)

A tríade básica da análise do discurso é composta pelas condições de produção, pela formação discursiva e pela formação ideológica. Para Courtine (apud BRANDÃO, 2004), condições de produção são as situações em que interagem os sujeitos do discurso, sendo fontes ou efeitos discursivos. As formações ideológicas são constituídas pela organização ou conflito de posições políticas e ideológicas. A formação ideológica interliga uma ou várias formações discursivas, que “determinam o que ‘pode e o que deve ser dito’ a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada” (BRANDÃO, 2004, p. 48), envolvendo a paráfrase e o pré-construído, que é algo que remete ao exterior e anterior ao discurso.

1.3.A RELAÇÃO ENTRE A ANÁLISE DO DISCURSO E A LINGUÍSTICA

Tem-se discutido a contribuição de diferentes áreas nas análises realizadas pela AD. Dentre elas, a linguística propriamente traz seus conceitos e métodos de análise ao olhar para o objeto de discurso, algo que está entre a língua e a fala. A linguagem é a mediação do homem com a realidade social que o circunda e sua realização se dá por meio do discurso. Mais do que isso, une o linguístico com o sócio-histórico, pois

a linguagem passa a ser um fenômeno que deve ser estudado não só em relação ao seu sistema interno, enquanto formação linguística a exigir de seus usuários uma competência

específica, mas também enquanto formação ideológica que se manifesta através de uma competência socioideológica (BRANDÃO, 2004, p. 17).

Além do mais, é a língua que possibilita o discurso, sendo o lugar material onde se realizam os chamados efeitos de sentido (BRANDÃO, 2004). Assim sendo, o discurso é o espaço das significações, em que “as palavras podem mudar de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que a empregam” (PÊCHEUX, 2011, p. 64), o que ocorre quando passam de uma formação discursiva a outra. O sentido pode ter uma configuração linguística ou social, ou ainda ambas, pois não é estático, é construído a partir das posições daqueles que a empregam e depende do lugar do sujeito – lugar social, histórico, político e linguístico, diferentemente do que os sujeitos acreditam, de que o sentido das palavras é único e transparente, devido à ideologia (BOLOGNINI, 2003).

1.4. A ANÁLISE DO DISCURSO E O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Para refletir sobre o que significa aprender uma língua estrangeira, podemos dizer que é muito mais do que aprender estruturas, fórmula prontas e estáveis, pois a língua é mais do que um meio de comunicação, é também um modo de constituição do sujeito, que se constrói justamente através da língua. Aprender outra língua é um caminho nem sempre plano e direto, pode haver percalços, desvios, bloqueios, etc., causados pelo contato com o outro, que resulta em uma resignificação do sujeito, pois sua identidade é reconstruída justamente através desse contato. Serrani-Infante, discorrendo sobre as reflexões de Revuz (1987, 1991), na questão da língua estrangeira, afirma que

A autora observa que o processo de falar em L2 tem implicações tão profundas para o sujeito de enunciação porque, nesse processo, são solicitadas, simultaneamente, três esferas existenciais básicas na constituição da subjetividade. Uma delas diz respeito à relação do sujeito com o saber: trata-se do componente relativo à aprendizagem de regras linguísticas e regularidades enunciativas, isto é, da língua enquanto objeto de conhecimento. Uma outra esfera existencial diretamente envolvida é o corpo. Chamo a atenção para o fato de que "corpo" aqui não deve ser entendido meramente em sua dimensão biológica, mas enquanto suporte da subjetividade, que é predominantemente

inconsciente. O aparelho fonador e a movimentação muscular são requeridos pela quebra de automatismos fonatórios e de expressão gestual que acontece ao se tentar pronunciar sons, entoações e ritmos desconhecidos antes, ou ao realizar gestos novos. E é solicitada, também, a relação do sujeito com ele próprio, pois está em jogo a afirmação do eu enquanto sujeito que se autoriza a falar em primeira pessoa. (SERRANI-INFANTE, 1997, p. 5)

A relação entre as línguas materna e estrangeira sob uma visão behaviorista e estruturalista da língua e de seu aprendizado costumava ser tratada de maneira negativa, como sendo duas categorias estanques, havendo no máximo, uma relação de contaminação de uma sobre a outra, pois o tratamento dado ao aprendizado se limitava a conhecer a língua estrangeira, ou seja, “saber descrevê-la como um objeto que se estuda e se analisa, assim como conhecer uma cultura significa saber descrever os hábitos, maneiras de proceder, agir de um povo, que se distinguem dos hábitos, atitudes e procedimentos de outro povo” (CORACINI, 2003, p. 144).

Para Serrani-Infante (1997), dois níveis do discurso devem ser considerados no processo de inscrição do estudante em língua estrangeira, o interdiscursivo e o intradiscursivo. O nível interdiscursivo é “a dimensão vertical, não-linear do dizer em relação à rede de formações discursivas” (BERTOLDO, 2003, p. 97), que opera juntamente com as noções de pré-construído e de discurso transversal. É o lugar onde o enunciador se apropria dos objetos para fazer deles objetos de seu discurso, então “produzindo uma sequência discursiva dominada por uma FD¹ determinada” (COURTINE, 2009, p. 74), lugar de constituição do pré-construído e do que é enunciável. O nível intradiscursivo, cuja articulação não se reduz ao consciente para Pêcheux, se articula ao imaginário e refere-se à dimensão linear da linguagem (BERTOLDO, 2003). É a articulação coerente da sequência discursiva enunciada. É nessa relação entre intra e interdiscurso que o sujeito “é interpelado-assujeitado como sujeito de seu discurso” (COURTINE, 2009, p. 74) a partir da sua identificação com o sujeito universal da formação discursiva.

O conhecimento de uma outra língua, e mais do que isso, a experiência de vivenciar uma cultura estrangeira de maneira mais complexa estando no país em que essa língua é falada, interagindo com as pessoas e com o lugar, permite ao estudante, a partir do confronto com a língua, repensar sua própria cultura, pois, “O contato-confronto com as outras formações discursivas da

¹ Formação discursiva.

língua estrangeira constitui o Outro e traz [...], inevitavelmente, uma compreensão da sua própria cultura (suas próprias formações discursivas)” (BERTOLDO, 2003, p. 104).

Assim, o objetivo de saber uma língua estrangeira pode ser o de “não apenas ‘conhecer’ outra língua, mas ‘saber’ essa língua, ser falado por ela. É, aliás, o desejo do outro, o desejo da totalidade, o elemento propulsor na aprendizagem de línguas” (CORACINI, 2003, p. 147). Segundo a autora, mesmo em uma inscrição bem-sucedida em uma segunda língua, ainda prevalecem as formações discursivas da primeira, pois

A inscrição do sujeito numa língua estrangeira será portadora de novas vozes, novos confrontos, novos questionamentos, alterando, inevitavelmente, a constituição da subjetividade, modificando o sujeito, trazendo-lhe novas identificações, sem que, evidentemente, ocorra um apagamento da discursividade da língua materna que o constitui (CORACINI, 2003, p. 153).

O que justifica o fato de que aprender uma segunda língua é mais do que memorizar estruturas ou frases prontas de modo estável e contínuo, mas apresenta-se como uma nova forma de ver o mundo que traz consigo uma nova carga ideológica.

Isso posto, considerando que a aprendizagem de uma língua estrangeira é mais do que simplesmente aprender um código, mas um modo de se reconstituir a partir dessa língua, a proposta de análise prática dessa dissertação é a de verificar os modos de constituição (ou reconstituição) da identidade para estudantes hispanófonos de português brasileiro. Na seção seguinte, são apresentados os conceitos de identidade e sujeito e como eles se configuram dentro do grupo em que foi feita a pesquisa, a partir da análise de questões feitas a esses estudantes.

2. SUJEITO E IDENTIDADE NA APRENDIZAGEM DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ADICIONAL

2.1.OS CONCEITOS DE SUJEITO E IDENTIDADE

Uma questão central para o desenvolvimento da reflexão que propomos neste trabalho é a noção de sujeito, que ocupa, segundo Brandão (2004), uma posição de destaque nas atuais correntes teóricas, sendo o lugar da constituição da subjetividade e da representação do mundo, a partir da interação com o outro. Além do mais, a noção de identidade e seus desdobramentos e deslocamentos é fundamental para a reflexão sobre o ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras.

Justamente pensando sobre a contribuição de diferentes áreas para a AD, pode-se resumir a noção de sujeito a partir da seguinte definição:

o marxismo [...] o sujeita. Foucault o dispersa na formação discursiva. A colaboração entre linguistas e psicanalistas o resgata do psicologismo. A colaboração com historiadores introduz um sujeito da história. O peso da interdiscursividade organiza a ‘deslocalização tendencial do sujeito enunciativo’ na materialidade dos enunciados, segundo uma fórmula de Michel Pêcheux. As sofisticadas da pragmática o reconfiguram em uma escala de ações e coações enunciativas e semânticas na qual ele pode se multiplicar e diluir. Nos casos mais simples o sujeito é, no mínimo, dois: falante empírico e enunciativo linguístico (MAZIÈRE, 2007, p. 22).

É muito importante pensar que “o sujeito da AD é um ‘lugar de sujeito’ em uma abordagem dessubjetivada” (MAZIÈRE, 2007, p. 22). Assumindo uma posição-sujeito, se inscreve na ordem do dizer, em que o sujeito é ideológico, pois é construído historicamente, representando um dito tempo histórico e um lugar social, cujo discurso articula-se e se constrói em relação com outros, sendo o outro também parte constitutiva do sujeito (BRANDÃO, 2004). Assim, a noção de sujeito histórico se relaciona com a de sujeito ideológico, pois não há discurso sem sujeito e nem sujeito sem ideologia. Outro ponto importante é de que o sujeito é subjetivo e heterogêneo, a partir da concepção bakhtiniana de dialogismo, em que o sujeito é construído a partir da sua relação com o

outro, além do mais, “a análise do discurso reconhece, portanto, no sujeito seu caráter contraditório, que, marcado pela incompletude, anseia pela completude, pelo desejo de querer ser inteiro” (BERTOLDO, 2003, p. 96).

Para Pêcheux, o sujeito é afetado por dois tipos de esquecimento, criando uma realidade ilusória. Com o esquecimento nº1, inconscientemente o sujeito se “coloca como a origem do que diz, a fonte exclusiva do sentido do seu discurso” (BRANDÃO, 2004, p. 82) e com o esquecimento nº 2, que é a “operação de seleção linguística que todo falante faz entre o que é dito e o que deixa de ser dito” (BRANDÃO, 2004, p. 82), dentro da sua formação discursiva, o sujeito realiza as escolhas mais ou menos livres do que diz ou deixa de dizer. No que tange à questão das línguas, segundo Coracini (2003) os esquecimentos 1 e 2 ocorrem na língua materna, lugar do desejo recalcado de uma totalidade e de origem do sentido e a língua estrangeira, seria o lugar da permissão, dos desejos não interditados. Essa diferença acarretaria em um conflito entre as línguas materna e estrangeira, pois, para a autora

Fica claro, então, que se inscrever numa língua estrangeira significa, sempre e inevitavelmente, provocar confrontos, portadores de conflitos, entre as formações discursivas fundamentais, melhor dizendo, entre os modos de significação introjetados no sujeito, próprios à primeira língua, impregnados, naturalmente, por maneiras próprias de pensar e ver o mundo (aspectos ideológicos), e as formações discursivas ou os modos de significação da segunda língua (CORACINI, 2003, p. 154).

Tratando sobre a questão da identidade, que na AD não é tratada como um conceito estável, único, mas que “opera na dimensão da representação (portanto, imaginária) de unidade do locutor (ou interlocutor), enquanto ego” (SERRANI-INFANTE, 1997, p. 8), logo, o conceito estável de identidade é “conflitante com o descentramento que a descoberta do inconsciente e a concepção heterogênea da linguagem” (SERRANI-INFANTE, 1997, p. 8) possibilitaram. Ademais do conceito de identidade que está na esfera do ser, há a questão lacaniana da identificação, “entendida enquanto marca simbólica a partir da qual o sujeito adquire, não sua unidade, mas sua singularidade” (SERRANI-INFANTE, 1997, p. 9) pertencente à esfera do dizer.

Essa identidade do sujeito na AD, que pertence a certas formações discursivas, durante o processo de aprendizagem de uma segunda língua, irá se desestruturar e reestruturar durante a produção dessa segunda língua, pois “não é independente das redes de memória ou das filiações sócio-históricas de identificação [...] A interdiscursividade, pela sua natureza, é desestabilizadora e preenche de processos de transformação de sentidos” (SERRANI-INFANTE, 1997, p. 9).

A autora aponta para o estranhamento em relação ao estrangeiro na aprendizagem da segunda língua, mesmo em contextos formais de aprendizagem, “que nos defronta com outros modos de estruturar as significações ‘do’ mundo, que se apresenta ‘tangivelmente’ como múltiplo e construído. Mas o estranhamento fundamental é aquele que acontece, principalmente, em relação a nós mesmos” (SERRANI-INFANTE, 1997, p. 9). Esse estranhamento pode ser um perigo para alguns estudantes, evadido ao evitar também aprender a língua.

Para finalizar o percurso teórico aqui percorrido e antes de chegar à parte prática dessa discussão, verificando como os conceitos apresentados se configuram no grupo de pesquisa em questão, fazemos, na sequência, uma breve reflexão sobre o ensino de Português para hispanófonos, especificamente, frisando que além da questão linguística, que a proximidade cultural, geográfica e histórica também exerce influência nesse contexto.

2.2. A LÍNGUA E A IDENTIDADE BRASILEIRA PARA HISPANÓFONOS

Existe uma procura cada vez maior pelo aprendizado de português por parte de estudantes estrangeiros, principalmente pelo português brasileiro, busca que não acontecia tão fortemente há alguns anos.

É fato que a visão que muitos dos próprios brasileiros têm do Português é diferente da visão dos estrangeiros, pois a nossa está perpassada pelo discurso escolar castrador, repetida continuamente pelos sujeitos, de que não sabemos nossa própria língua, de que é muito difícil falar português corretamente, de que o brasileiro fala errado, etc. Ghiraldelo (2003), em uma pesquisa com estudantes brasileiros verificou que muitos dos sujeitos da sua pesquisa (29 entre 90 entrevistados) gostariam de ter outra língua materna, no lugar da língua portuguesa, alguma que fosse mais útil, uma língua internacional, como o inglês ou o espanhol.

Orlandi, a partir do conceito de heterogeneidade enunciativa de Revuz (1987), utilizado para “descrever o fato de linguagem que consiste em que todo dizer tem necessariamente em si a presença do outro” (ORLANDI, p. 30, 1995), afirma que se pode

falar em heterogeneidade lingüística toda vez que, no campo dos países colonizados, temos línguas como o português, ou o espanhol, na América Latina, que funcionam em uma identidade que chamaria dupla. Estamos diante de línguas que são consideradas as mesmas – as que se falam na América Latina e na Europa – porém que se marcam por se historicizarem de maneiras totalmente distintas em suas relações com a história de formação dos países. (ORLANDI, 1995, p. 30)

Assim, existe uma complexidade maior de fatores quando tratamos especificamente sobre a relação entre língua portuguesa e espanhola, e mais do que isso, da relação entre Brasil e demais países da América do Sul, que perpassa questões lingüísticas, históricas e culturais e pensar sobre a formação da identidade ou das identificações nesse contexto é uma questão ainda mais complexa, razão pela qual essa pesquisa foi proposta.

3. COMO OS ALUNOS HISPANÓFONOS ENXERGAM A APRENDIZAGEM DE PORTUGUÊS?

A motivação para a análise que fiz nesse trabalho deu-se após a leitura do artigo “Representação, Identidade e Aprendizagem de Língua Estrangeira”, de Marisa Grigoletto (2003), em que a autora verifica entre alunos do ensino fundamental e médio “o modo de constituição da identidade de aprendizes de língua inglesa através da análise de suas representações sobre a língua” (GRIGOLETTO, 2003, p. 223), perguntando a eles o que é saber inglês.

Grigoletto, em sua análise, considerando que “os sentidos de todo e qualquer discurso são constituídos no interdiscurso” (2003, p. 224), verificou que as respostas para a pergunta sobre saber bem inglês na sua pesquisa se agrupavam em três categorias: uma em que saber inglês é saber a matéria escolar; outra, em que saber inglês é saber se comunicar; e a última, é dominar perfeitamente a língua. Esses três grupos de respostas permitem ver a influência do discurso escolar sobre o aluno, principalmente o discurso do ensino tradicional e do comunicativo, e o mito do falante nativo ideal, falante de uma língua estática e homogênea. Como conclusão, verificou que um mesmo sujeito se relaciona simbolicamente com a língua estrangeira inscrevendo-se em duas ou três formações discursivas contraditórias.

3.1. METODOLOGIA

De modo análogo à pesquisa citada, foram feitas três perguntas a alunos hispanófonos de português como língua adicional no CELIN – UFPR² acerca de sua opinião sobre aprender

² CELIN-UFPR é o centro de línguas e interculturalidade vinculado à Universidade Federal do Paraná. Criado em 1995, é um espaço de formação para os alunos de Letras da Universidade e oferece o ensino de diversos idiomas como inglês, espanhol, ucraniano, chinês, etc. O curso de Português para estrangeiros é oferecido desde 2005. Pela

português. As mesmas questões foram feitas a dois grupos diferentes de estudantes, um grupo iniciante e outro intermediário, a fim de verificar se haveria alguma diferença nas respostas obtidas, tendo como premissa que “aprender uma língua é sempre um pouco tornar-se um outro” (REVUZ, 1998, p. 227), mais incisivamente quando esse aprender se faz no país estrangeiro onde essa língua é falada, pois dela o estudante está totalmente cercado, se opta por estar realmente em imersão.

Descrevo mais detalhadamente quem foram os sujeitos da pesquisa, as questões realizadas e sua análise nos próximos subitens.

3.1.1. Os sujeitos da pesquisa

O grupo 1 é composto por oito alunos intercambistas de mestrado e doutorado que já estão no Brasil há pelo menos seis meses e estão no nível intermediário de língua portuguesa do curso de português para estrangeiros do CELIN - UFPR. Esses estudantes vieram ao Brasil com alguma bolsa de estudo e dependendo da bolsa, o período total previsto para sua estada aqui é de dois a quatro anos. São estudantes de áreas como biologia, química, geografia, administração, ciências sociais, etc. e aprender português é um dos pré-requisitos necessários para o intercâmbio; alguns inclusive deverão ser aprovados em nível avançado no exame de proficiência de português brasileiro, o Celpe-Bras³, para validar seus diplomas, o que aumenta a pressão externa existente no aprendizado da língua alvo.

O grupo 2 é composto de quatro alunos, estudantes do nível básico de língua e que estão no Brasil por motivos diversos, como acompanhar o cônjuge ou trabalhar, não apenas estudar. A questão foi feita no primeiro dia de aula para esses estudantes, a fim de investigar quais são os pré-construídos que esses alunos traziam para a sala de aula e para que não houvesse interferência do professor, diferentemente dos alunos do grupo 1, que já viviam no país há algum tempo e já tinham um contato com o aprendizado formal de português na instituição.

proximidade linguística, os falantes de espanhol ficam em grupos separados dos demais. Mais informações podem ser encontradas em: <http://www.celin.ufpr.br/index.php/home>

³ CELPE-BRAS é o certificado de proficiência de Língua Portuguesa para estrangeiros.

Na apresentação dos dados, como os informantes não são identificados, utilizo a letra I, os números 1 ou 2 conforme o grupo, mais um número dentro do grupo, por exemplo, I 1.1 (informante do grupo 1, número 1), I 2.4 (informante do grupo 2, número 4). As transcrições completas das entrevistas (que foram feitas por escrito estão transcritas no anexo).

Um ponto interessante é que deixei livre a escolha da língua para utilizar nas respostas, português ou espanhol, e alguns informantes tentaram escrever na língua estrangeira enquanto outros permaneceram com a língua materna. Acredito que essa escolha também revele o modo como os estudantes se relacionam com a língua alvo.

3.1.2. Perguntas da pesquisa

As perguntas definidas para estes grupos em questão foram:

- a. O que significa para você aprender português?
- b. O que é saber bem português, na sua opinião?
- c. Qual é a sua opinião sobre a língua portuguesa, de uma forma geral?

O objetivo aqui seria o de tentar identificar em que formação ideológica as respostas iriam se inscrever e se seria sentida mais influência escolar ou de que outro tipo. Uma questão importante a verificar se apareceria e em que intensidade é a de que aqui nesta pesquisa, tratamos de alunos estrangeiros em imersão em outro país que, por mais que esses países guardem proximidades históricas e geográficas, mantém diferenças culturais e econômicas. Além do mais, pensando em questões de sujeito e identidade, verificar de que maneira o contato tão intenso com a língua estrangeira influencia na reconstrução da identidade.

Primeiramente, faço um resumo das respostas auferidas, apresentando na sequência alguns excertos relevantes que servem para exemplificar os pontos apresentados no estudo.

3.2. ANÁLISE DOS DADOS

As respostas obtidas com a primeira pergunta (O que significa para você aprender português?) podem ser reunidas em três categorias:

Para o primeiro grupo:

- como uma possibilidade de acessar uma nova cultura através do aprendizado da língua,
- como um item extra para o futuro profissional e
- como uma ferramenta para possibilitar os estudos de mestrado que os estudantes têm como objetivo principal.

No segundo grupo, o destaque vai para o futuro profissional, como um diferencial no currículo, visando a oportunidades profissionais.

A respeito da segunda pergunta, sobre o que é saber português na opinião dos estudantes, é possível verificar que as respostas do grupo 1 agrupam-se principalmente em dois temas: um que trata sobre a comunicação e outro que trata sobre saber bem a estrutura da língua, desde fonética até tempos verbais.

Para os que falaram sobre a questão da comunicação, é possível perceber que a urgência da interação com os falantes nativos é motivo de preocupação, pois dizem que querem saber compreender, expressar-se, comunicar-se, ser entendidos, falar e escrever corretamente. A questão da língua “correta” apareceu em muitas respostas, mostrando a força coercitiva da gramática normativa. Expressar-se, falar e escrever corretamente também foi a resposta principal no grupo 2.

Sobre a terceira pergunta, que tenta identificar como os alunos veem e se relacionam com a língua que estão aprendendo, a maioria das respostas dos dois grupos tratam justamente sobre a proximidade e a semelhança entre o português e o espanhol, sendo esse motivo tanto de interesse como de dificuldade para o aprendizado. Além disso, algumas respostas falam sobre o sotaque, os sons e o ritmo da língua como algo que chama a atenção dos alunos.

Observando mais detalhadamente as respostas, pode-se perceber que apenas dois dos depoimentos coletados abordam a questão da identidade latino-americana. Dos países da América do Sul, o Brasil é o único que não tem o espanhol como língua oficial, o que de certa forma o distancia dos demais países, mesmo que a história os aproxime. Isso demonstra que os estudantes de língua estrangeira “constituem sujeitos irreversivelmente afetados pela alteridade, bem como pelo estranhamento de si (do eu) que os constituem diante do outro mais ou menos desconhecido, com quem se identificam (de maneira positiva ou negativa)” (CORACINI, 2003, p. 198), pois o contato com a língua os faz refletir sobre si mesmos e sobre sua própria cultura, desfazendo uma possível imagem estática e estável do discurso. Eis alguns exemplos:

I 1.1: embora tenha outros países que falem português, minha primeira opção sempre tem sido Brasil, começar pelo próprio, pela América Latina.

I 1.6: Aprender português me significa até compreender ou achar muitas coisas da minha mesma língua natal nas que não tinha pensado, porque todo o tempo estou relacionando e comparando espanhol com português. Finalmente, aprendendo português eu estou me sentindo um latino mais completo.

Ao que parece, pelos depoimentos dos alunos, pois “cada predicação revela uma posição enunciativa do sujeito” (GRIGOLETTO, 2003, p. 232) é justamente a proximidade entre as duas línguas, português e espanhol, o fator de atração, como cita Coracini (2003), que tanto causa atração como medo nos estudantes.

a língua estrangeira é a língua ‘estranha’, a língua do estranho, do outro. Tal estranhamento tanto pode provocar medo como uma forte atração. No primeiro caso é o medo da despersonalização que sua aprendizagem implica. [...] Os casos em que aprender línguas desempenha uma forte atração podem ser explicados, de modo geral, pela psicanálise como o desejo do outro, desse outro que nos constitui e cujo acesso nos é interdito (CORACINI, 2003, p. 149).

A proximidade e a semelhança fazem com que a língua seja ao mesmo tempo fácil e difícil de aprender, de acessar, demonstrando que o aprendizado do português por hispanófonos é mais complexo do que pode parecer à primeira vista e não pode ser tratado de modo simplista ou reducionista. O discurso corrente é que, como são línguas parecidas, seu estudo não é necessário,

mas os fragmentos selecionados demonstram justamente o contrário. Ademais, da “língua que o sujeito diz que fala, a que ele deseja falar e a que ele fala – emergem formas de subjetivação do sujeito” (GHIRALDELO, 2003, p. 63).

I 1.4: Acho que a semejanza entre espanhol e português faz mais difícil aprender, por isso acho que é preciso aprender mais estrutura gramatical.

I 1.7: Es una lengua diferente, alegre, con muchos sonidos, pero al mismo tiempo tan parecida al español, eso es lo que hace que el portugués sea interesante.

I 1.8: Me parece una lengua bastante cercana a mi lengua (espanhol) pero que tiene sus especificidades tanto en la escritura como en la parte oral que requieren tiempo y dedicación para aprenderlo bien.

I 2.1: É uma língua muito importante pra América Latina, muito similar o espanhol.

I 2.2: Es una lengua interesante, su parecido con el español la hace atractiva para aprender, así como también lo es la cultura brasilera.

I 2.3: Por ser hispano, é muito similar o português com o espanhol e por tanto, saber bem português e a compreensão e falar correctamente, não portunhol ordinário.

I 2.4: Es una lengua muy completa, con muchas similitudes con el español. No la comprendo mucho todavía, pero creo que me va a enriquecer mucho.

Assim, esses depoimentos demonstram que a língua estrangeira “é, ao mesmo tempo, próxima e radicalmente heterogênea em relação à primeira língua. O encontro com a língua estrangeira faz vir à consciência alguma coisa do laço muito específico que mantemos com nossa língua” (REVUZ, 1998, p. 215). Além do mais,

esse estranhamento do dito na outra língua pode ser tanto vivido como uma perda (até mesmo como uma perda de identidade), como uma operação salutar de renovação e de relativização da língua materna, ou ainda como a descoberta embriagadora de um espaço de liberdade (REVUZ, 1998, p. 224).

Como era de se esperar, declarações que equiparam saber a língua a saber gramática, foram muito presentes nas entrevistas, o que demonstra que, mesmo esses estudantes estando em situação de imersão, vivenciando os usos reais da língua, acabam por se preocupar mais incisivamente com a aprendizagem de gramática, não apenas com a comunicação, o que pode revelar que o discurso escolar, normativo, ainda está presente no discurso desses alunos, fenômeno que se pode classificar como efeito de memória discursiva, que se pode definir como

toda produção discursiva que se efetua nas condições determinadas de uma conjuntura movimenta – faz circular – formações anteriores, já enunciadas [...] como um efeito de memória na atualidade de um acontecimento, sob a forma de um retorno da contradição nas formas do diálogo (COURTINE, 2009, p. 104).

I 1.1: Para mim saber português é conhecer a gramática, a fonética e todo o vocabulário possível... Além disso, falar bem certinho o português para mim é falar com fluência e com uma boa pronúncia fazendo uma diferença com a forma de escrever formalmente e informalmente.

I 1.4: Dominar toda a estrutura da língua em qualquer situação.

I 1.6: É chegar ao total conhecimento do jeito que se está comunicando e ter certeza que é uma forma gramaticalmente correta... saber bem português não é só conseguir se dar a entender com as pessoas na vida cotidiana.

I 1.7: Saber bien portugues, es tener una buena pronunciación, utilizar adecuadamente las expresiones y los tiempos verbales.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as reflexões propostas por esse trabalho tentamos verificar o modo de constituição da identidade em língua estrangeira, na relação de como os falantes de espanhol, estudantes de português brasileiro se inserem na língua alvo, a veem e falam sobre seu processo de aprendizagem.

Passamos por alguns dos pontos teóricos relevantes para a área em geral, mostrando que esses pontos são interdependentes, ou seja, ao tratar de sujeito e identidade, como foi proposto nessa pesquisa, não há como ignorar que por trás desses conceitos, outros foram construídos, assim como continuam sendo reconstruídos. Mais especificamente, para tratar de discurso convém esclarecer o que é o discurso, como ele se compõe e quais são seus limites.

Aproximando-nos mais da nossa análise, verificamos como a AD contribui para a área da linguística e vice-versa, a partir do método de análise e do modo de ver o objeto de pesquisa. Para a linguística aplicada, especificamente na área de ensino e aprendizagem de segundas línguas ou estrangeiras, são múltiplas as contribuições, e abordamos aqui o processo de identidade, que, no contato confronto com a língua estrangeira, principalmente em situação de imersão, causa deslocamentos e ressignificações no sujeito, podendo vir a modificar a maneira como ele vê a sua própria língua e cultura, já que como foi citado por Revuz, “aprender uma língua é sempre um pouco tornar-se um outro” (1998, p. 227).

A partir das análises de uma série de entrevistas individuais breves feitas por escrito com dois grupos de alunos latino-americanos de níveis diferentes na aprendizagem de português (e transcritas no anexo), percebemos que para eles a proximidade entre ambas as línguas é tanto fator de atração como de repulsa na língua estrangeira, pois tanto facilita o acesso como dificulta a aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERTOLDO, Ernesto Sérgio. O contato-confronto com uma língua estrangeira: a subjetividade do sujeito bilíngue. In: CORACINI, Maria José, org. **Identidade e discurso: (des) construindo subjetividades**. Campinas: editora da UNICAMP; Chapecó: Argos Editora universitária, 2003. P. 83 – 118.

BOLOGNINI, Carmen Zink. A língua estrangeira como refúgio. In: CORACINI, Maria José, org. **Identidade e discurso: (des) construindo subjetividades**. Campinas: Editora da UNICAMP; Chapecó: Argos editora universitária, 2003. P. 139 – 160.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2ªed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

CARNEIRO, Eduardo de Araújo & CARNEIRO, Egina Carli de Araújo Rodrigues. **Notas Introdutórias sobre a análise do discurso**.

CORACINI, Maria José R. Faria. Língua estrangeira e língua materna: uma questão de sujeito e identidade. IN: CORACINI, Maria José, org. **Identidade e discurso: (des) construindo subjetividades**. Campinas: editora da UNICAMP; Chapecó: Argos editora universitária, 2003. P. 139 – 160.

_____. A celebração do outro. IN: CORACINI, Maria José, org. **Identidade e discurso: (des) construindo subjetividades**. Campinas: editora da UNICAMP; Chapecó: Argos editora universitária, 2003. P. 197 – 221.

COURTINE, Jean – Jacques. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. Edufscar, 2009. São carlos, sp. 1ª edição.

GRIGOLETTO, Marisa. Representação, identidade e aprendizagem em língua estrangeira. IN: CORACINI, Maria José, org. **Identidade e discurso: (des) construindo subjetividades**. Campinas: editora da UNICAMP; Chapecó: Argos editora universitária, 2003. P. 223 – 238.

MAZIÈRE, Francine. **A Análise do Discurso. História e Práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. 130p.

ORLANDI, Eni P. **A Análise de Discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. (Michel Pêcheux e a Escola Brasileira de Análise de Discurso)**. Anais do I SEAD – seminários de estudo em análise do discurso. UFRGS, 2003. Disponível em: http://www.analisedodiscurso.ufrgs.br/anaisdosead/sead1_conferencias.html.

_____. **A língua brasileira**. Revista Ciência e Cultura. vol.57 n° 2. São Paulo. Abril /Junho de 2005. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252005000200016&script=sci_arttext

PÊCHEUX, Michel, FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: **Por uma análise automática do discurso. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Hak, F. Gadet et al. Orgs. 3° edição. Campinas, SP: Unicamp, 1997

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD – 69). In: **Por uma análise automática do discurso. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Hak, F. Gadet et al. Orgs. 3° edição. Campinas, SP: Unicamp, 1997

_____. Língua, linguagens, discurso. P. 63 – 75. In: PIOVEZANI, Carlos, SARGENTINI, Vanice, orgs. **Legados de Michel Pêcheux: inéditos em análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2011.

REVUZ, Christine. A língua estrangeira entre o desejo de um outro e o risco do exílio. In: SIGNORINI, Inês (org). **Lingua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas, SP: Mercado das Letras, São Paulo: Fapesp, 1998. P. 213 – 230.

SAUSSURRE, Ferdinand de. Curso de linguística geral. BALLY, Charles; SECHEAYE, Albert; orgs. 27° ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2006

SERRANI-INFANTE, Silvana. **Formações discursivas e processos identificatórios na aquisição de línguas.** DELTA vol. 13 n. 1 São Paulo Feb. 1997. DISPONÍVEL em: http://www.leffa.pro.br/textos/Serrani_Infante.pdf

ZANDWAIS, Ana. **A pesquisa em análise do discurso e suas relações com o materialismo histórico e dialético: tentativa de esboço de uma trajetória.** 2013.

ANEXOS

Grupo 1:

INFORMANTE 1.1:

NACIONALIDADE: Costarricense (Costa Rica)

IDADE: 27 anos

SEXO: Femenino

1. O QUE SIGNIFICA PARA VOCÊ APRENDER PORTUGUÊS?

Ao princípio, quando eu morava na Costa Rica acontecia que eu tinha ouvido muito pouco de português incluído música, cinema, literatura, e outros. Para mim era uma língua muito próxima a aquela de espanhol só que não tinha interés em aprender pelo momento, sobretudo porque não era muito comum de falar tanto em um trabalho quanto na vida diária. Quando eu participei no concurso de mestrado para estudar no Brasil, foi precisamente porque eu mudei de ideia, encontrei muito boa a opção de aprender uma nova língua justo em um país onde se fala, que é naturalmente uma oportunidade única para aprender bem e conseguir me comunicar em outros países de fala portuguesa.

2. O QUE É SABER BEM PORTUGUÊS, EM SUA OPINIÃO?

Para mim saber português é conhecer a gramática, a fonética e todo o vocabulário possível, embora tenha outros países que falem português, minha primeira opção sempre tem sido Brasil, começar pelo próprio, pela América Latina. Saber bem é conhecer diferentes sotaques, gírias, ditados, e conhecer a historia da língua portuguesa e todo o processo de desenvolvimento da língua, por exemplo como tem mudado coisas na gramática. Além disso, falar bem certinho o português para mim é falar com fluência e com uma boa pronúncia fazendo uma diferencia com a forma de escrever formalmente e informalmente.

3. QUAL É A SUA OPINIÃO SOBRE A LÍNGUA PORTUGUESA, DE UMA FORMA GERAL?

A língua portuguesa na minha opinião é uma mistura bem interessante de cultura e história que reflete a grande diversidade de etnias, culturas, ideologias. A forma como muda o sotaque de região a região em um mesmo país é bem interessante e conseguir entender e me comunicar com outras pessoas em português tem me trazido muita vontade para continuar aprendendo e inclusive aprender outras línguas também.

INFORMANTE 1.2:

NACIONALIDADE: ARGENTINA

IDADE: 25

SEXO: FEMININO

1. O QUE SIGNIFICA PARA VOCÊ APRENDER PORTUGUÊS?

Para mim aprender português é ter uma ferramenta mais no meu futuro como profissional. Gosto muito da língua e da cultura brasileira e acho que saber um pouco mais de português cada dia é bem legal. Quero aprender o mais possível neste tempo que more aqui.

2. O QUE É SABER BEM PORTUGUÊS, NA SUA OPINIÃO?

Acho que saber bem português é entender e ser entendido na fala e na escrita, e para isso temos que ter muitas horas de aula e prática, tentando prestar mais atenção nos detalhes da língua.

3. QUAL É A SUA OPINIÃO SOBRE A LÍNGUA PORTUGUESA, DE UMA FORMA GERAL?

Gosto muito dela, acho bem rica e bem complexa para alguém que fala espanhol, mas muito interessante.

INFORMANTE 1.3:

1. . O QUE SIGNIFICA PARA VOCÊ APRENDER PORTUGUÊS?

Para mi aprender portugués, abre la puerta a otra cultura y a una visión distinta de ver el mundo.. Así como también toda una tradición en el área de Ciencias Sociales, ya que me posibilita leer las investigaciones producidas en Brasil.

2. O QUE É SABER BEM PORTUGUÊS, NA SUA OPINIÃO?

Saber bien portugués es poderse comunicar de forma fluida con las personas

3. QUAL É A SUA OPINIÃO SOBRE A LÍNGUA PORTUGUESA, DE UMA FORMA GERAL?

Mi opinión con la lengua que como todo valor cultura debe ser apreciado y compartido, el Estado Brasileiro debería invertir en su consulados y embajadas para enseñar esta lengua, ya que hoy aprenderlo en el extranjero es sumamente difícil y costoso (lo digo a partir de Panamá), Fomentar el intercambio cultural es parte del nuevo proceso de Globalizacion, donde los pueblos comparten todos los días sus culturas y tradición, es una lengua que recomendaría conocer y aprender.

INFORMANTE 1.4:

NACIONALIDADE: Colombiana

IDADE: 38

SEXO: Feminino

1. O QUE SIGNIFICA PARA VOCÊ APRENDER PORTUGUÊS?

Conhecer outra cultura e outra literatura em minha disciplina.

2. O QUE É SABER BEM PORTUGUÊS, NA SUA OPINIÃO?

Dominar toda a estrutura da língua em qualquer situação.

3. QUAL É A SUA OPINIÃO SOBRE A LÍNGUA PORTUGUESA, DE UMA FORMA GERAL?

É interessante e seu uso está dominado pela pratica o que faz que tenha muitos jeitos para a mesma coisa.

Adicional: Acho que a semejanza entre espanhol e português faz mais difícil aprender, por isso acho que é preciso aprender mais estrutura gramatical.

INFORMANTE 1.5:

NACIONALIDADE: Cubana/Jamaicana

IDADE: 51 anos

SEXO: feminino

1. O QUE SIGNIFICA PARA VOCÊ APRENDER PORTUGUÊS?

(Entendo que estamos falando do português de Brasil)

Para eu, aprender português tem vários significados dependendo da perspectiva que eu olhe:

Desde uma perspectiva intelectual, o conhecimento de português me oferece a possibilidade de aprofundar meus conhecimentos linguísticos e incrementar minhas habilidades para falar mais uma língua.

Desde uma perspectiva económica, falar português me dá a possibilidade de conseguir trabalhos como tradutora-intérprete, que é uma atividade bastante lucrativa nesses tempos. Também me ajuda a melhorar meu currículo como professora de línguas.

2. O QUE É SABER BEM PORTUGUÊS, NA SUA OPINIÃO?

Eu acho que saber bem português tem a ver com o desenvolvimento das habilidades fundamentais da língua. Primeiramente, uma pessoa sabe português quando compreende bem os falantes nativos, mesmo quando estão falando face-a-face quanto no fone. (Uma prova da compreensão dum conversa pelo fone é ideal para comprovar a compreensão. Até agora estou sofrendo com isso).

Também é importante poder se comunicar. O aprendiz tem que produzir os sons característicos da língua, se não perfeitamente ao menos bastante próximo aos falantes nativos. Se precisa produzir corretamente os sons característicos da língua, como os nasais, palatais, labiodentais, alveolais,

palato-alveolais e outros que são bem específicos do português e que têm importância semântica (dado que podem mudar o significado ou intenção da mensagem). Igualmente é essencial poder imitar a prosódia típica dos falantes de português, porque é parte da significação das mensagens. Finalmente, saber português tem a ver com a capacidade de distinguir (e usar) as diferenças regionais da pronúncia e significação.

3. QUAL É A SUA OPINIÃO SOBRE A LÍNGUA PORTUGUESA, DE UMA FORMA GERAL?

Acho que a língua portuguesa é linda demais, pero muito difícil de falar.

INFORMANTE 1.6:

NACIONALIDADE: COLOMBIANO

IDADE: 25

SEXO: MASCULINO

1. O QUE SIGNIFICA PARA VOCÊ APRENDER PORTUGUÊS?

Mais que aprender uma língua, é aprender do Brasil em geral, é conhecer novas culturas já que tem muitas pessoas estrangeiras no país que graças ao português é possível nos comunicar. Aprender português me significa até compreender ou achar muitas coisas da minha mesma língua natal nas que não tinha pensado, porque todo o tempo estou relacionando e comparando espanhol com português. Finalmente, aprendendo português eu estou me sentindo um latino mais completo.

2. O QUE É SABER BEM PORTUGUÊS, NA SUA OPINIÃO?

É chegar ao total conhecimento do jeito que se está comunicando e ter certeza que é uma forma gramaticalmente correta, é saber pensar y falar em português com naturalidade e confiança, ou seja, saber bem português não é só conseguir se dar a entender com as pessoas na vida cotidiana.

3. QUAL É A SUA OPINIÃO SOBRE A LÍNGUA PORTUGUESA, DE UMA FORMA GERAL?

Para mim é uma língua muito legal, com um ritmo na fala muito gostoso, muito alegre que sempre gostei, ainda que por agora eu acho também que fica um pouco corta na gramática para expressar com certeza o que eu quisesse dizer, mas só poderia ter certeza disso quando tenha maior conhecimento da língua e deixe de pensar em espanhol-português.

INFORMANTE 1.7:

NACIONALIDADE: Peru

IDADE: 26

SEXO: Femenino

1. O QUE SIGNIFICA PARA VOCÊ APRENDER PORTUGUÊS?

Para mi, significa aprender más de Brasil, ampliar mis conocimientos, además de entender mejor y respetar la cultura brasilera.

2. O QUE É SABER BEM PORTUGUÊS, NA SUA OPINIÃO?

Saber bien portugues, es tener una buena pronunciación, utilizar adecuadamente las expresiones y los tiempos verbales.

3. QUAL É A SUA OPINIÃO SOBRE A LÍNGUA PORTUGUESA, DE UMA FORMA GERAL?

Es una lengua diferente, alegre, con muchos sonidos, pero al mismo tiempo tan parecida al español, eso es lo que hace que el portugués sea interesante.

INFORMANTE 1.8:

NACIONALIDADE: Paraguaya

IDADE: 34

SEXO: Feminino

1. O QUE SIGNIFICA PARA VOCÊ APRENDER PORTUGUÊS?

La oportunidad de acceder a un idioma hablado por millones e habitantes en el continente americano y vecino de mi país (acceso a materiales, textos científicos, videos, documentales, conferencias, etc.)

2. O QUE É SABER BEM PORTUGUÊS, NA SUA OPINIÃO?

Tener la capacidad de expresarse bien en formal oral y escrita.

3. QUAL É A SUA OPINIÃO SOBRE A LÍNGUA PORTUGUESA, DE UMA FORMA GERAL?

Me parece una lengua bastante cercana a mi lengua (espanhol) pero que tiene sus especificidades tanto en la escritura como en la parte oral que requieren tiempo y dedicación para aprenderlo bien.

GRUPO 2

INFORMANTE 2.1:

NACIONALIDADE: Argentina

IDADE: 31

SEXO: Feminino

1. O QUE SIGNIFICA PARA VOCÊ APRENDER PORTUGUÊS?

Adquirir una nueva lengua, tanto para un enriquecimiento personal, profesional.

2. O QUE É SABER BEM PORTUGUÊS, NA SUA OPINIÃO?

Es saber escribir y hablar correctamente, fluído, comprendiendo todos sus tiempos verbales.

3. QUAL É A SUA OPINIÃO SOBRE A LÍNGUA PORTUGUESA, DE UMA FORMA GERAL?

Es una lengua muy completa, con muchas similitudes con el español. No la comprendo mucho todavía, pero creo que me va a enriquecer mucho.

INFORMANTE 2.2:

NACIONALIDADE: colombiano

IDADE: 18

SEXO: masculino

1. O QUE SIGNIFICA PARA VOCÊ APRENDER PORTUGUÊS?

Significa aprender, tanto falar como compreender uma nova língua e uma abertura hacia uma cultura mais.

2. O QUE É SABER BEM PORTUGUÊS, NA SUA OPINIÃO?

Por ser hispano, é muito similar o português com o espanhol e por tanto, saber bem português e a compreensão e falar correctamente, não portunhol ordinário.

3. QUAL É A SUA OPINIÃO SOBRE A LÍNGUA PORTUGUESA, DE UMA FORMA GERAL?

Eu tenho uma opinião muito vaga por sua similitude com o espanhol.

INFORMANTE 2.3:

NACIONALIDADE: venezuelano

IDADE: 23

SEXO: masculino

1. O QUE SIGNIFICA PARA VOCÊ APRENDER PORTUGUÊS?

Superación personal y profesional.

2. O QUE É SABER BEM PORTUGUÊS, NA SUA OPINIÃO?

Poder tener una conversacion fluida con los habitantes de la ciudad.

3. QUAL É A SUA OPINIÃO SOBRE A LÍNGUA PORTUGUESA, DE UMA FORMA GERAL?

Es una lengua interesante, su parecido con el español la hace atractiva para aprender, asi como también lo es la cultura brasilera.

INFORMANTE 2.4:

NACIONALIDADE: argentina

IDADE: 35

SEXO: feminino

1. O QUE SIGNIFICA PARA VOCÊ APRENDER PORTUGUÊS?

O português é uma ferramenta pra meu trabalho. É uma cultura que quero descobrir.

2. O QUE É SABER BEM PORTUGUÊS, NA SUA OPINIÃO?

Falar, escrever e compreender a língua e a cultura do Brasil.

3. QUAL É A SUA OPINIÃO SOBRE A LÍNGUA PORTUGUESA, DE UMA FORMA GERAL?

É uma língua muito importante pra América Latina, muito similar o espanhol.